

PARTIDA

Bebi, ontem à noite, na mesa de um casal recente que comemorava, sem demasiada discrição, um segredo — esse tipo de segredo de casal recente que alguns meses depois todo mundo sabe, mesmo porque ele se revela nu e gritando. E hoje pela manhã bebi a felicidade de um outro casal, que acabava de se unir na igreja do bairro. Essas coisas comovem, sem perturbar, o velho solteirão que eu sou, ou que aprendi a me fazer — não exatamente, mas de certo modo como aquelas mulheres desquitadas para as quais o poeta Vinicius solicitava a piedade do Senhor — “porque nelas se refaz misteriosamente a virgindade”. Em todo caso dentro de mim havia um eco de sinos a badalar, havia alianças a luzir, e mãos finas a tecer sapatinhos de lã. E mais tudo o que de gaiato e melancólico os casamentos inspiram.

Foi nesse estado de espírito que recebi, pelo telefone, a notícia brutal: um amigo havia se suicidado pela madrugada. Minha amizade com Evaldo Ruy já contava anos, mas nunca chegou a ser íntima; ela se entretinha quase sempre, nas mesas de bar, através da frequência de amigos comuns. Só muito recentemente ela parecia se estreitar, e isso através de um incidente banal — minha zanga porque ele havia concordado em almoçar comigo um domingo, e eu o esperara inutilmente até 4 ou 5 horas. A zanga não era muita, porque outros amigos tinham aparecido para honrar meu modesto feijão; acabou havendo outro almoço, com Elizete Cardoso. E minha última imagem dele há de ser esta aqui, na minha casa, de copo na mão, alegre e distraído, a contar, com sua grande voz rouca, histórias de Newton Freitas e outros amigos comuns.

Esse homem forte e cordial, eu sabia que ele tinha problemas, eu ouvira falar de suas desordens de vida e de sentimento. Mas isso todo mundo tem, que dirá um homem que era artista e boêmio. Sua morte chocou-me porque eu tinha uma distraída confiança em sua energia e em sua capacidade de luta; julgava-o capaz de raivas e arrebatamentos, nunca de um gesto de desespero. E esse meu engano me dói; sempre nos sentimos (e na realidade somos) um tanto culpados, quando alguém perto de nós se abandona à morte. Um pouco mais de amizade e atenção de minha parte ou de qualquer de seus amigos poderia talvez tê-lo salvo. Somos lesatentos às ciufaturas que comem e bebem em nossa mesa, e apertam nossa mão; não vemos, não sentimos o que está perto de nós; como poderemos pedir aos outros misericórdia e ternura?

Que os casais amigos sejam felizes, e Evaldo Ruy durma em paz; seu nome será lembrado pela gente do povo nos versos de marchas e sambas que ele criou; os homens como eu que costumam andar pelo seio das noites sentirão longamente falta de sua figura forte, alegre, generosa e amiga.

O homenzarrão rouco nos abandonou na madrugada. — R. B.